



XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



20 a 22 de Setembro de 2018 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **26/07/2018**

Aprovado em: **28/07/2018**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2018.12.19.01>

REFLEXÃO FILOSÓFICA ACERCA DO ESTRUTURALISMO DE MICHEL FOUCAULT

EIXO: 19. EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

MILDON CARLOS CALIXTO DOS SANTOS, ALVANI BOMFIM DE SOUSA JUNIOR, MARCELA SANTOS DE ALMEIDA

RESUMO

O presente artigo é parte de uma pesquisa em andamento inspirado no Estruturalismo de Michel Foucault analisando os diversos aspectos das tessituras do poder, partindo de uma visão micro e de uma análise ascendente do poder, constatando-se a falsa ideia de uma extensão a partir do centro(Estado). Os “micro poderes” funcionam segundo Foucault, fora do Estado (abaixo, ao lado); não se situam em nenhum ponto fixo; não são possuídos por ninguém, mas passam por todos os indivíduos; constituem-se entre “redes” (malhas das qual ninguém escapa). Nessa perspectiva, o ideal é analisarmos o poder, captando-os nas suas formas e instituições mais regionais e locais para, em seguida, examinarmos como esses mecanismos de poder foram investidos, colonizados, utilizados, subjugados, transformados, deslocados, desdobrados por mecanismos cada vez mais gerais de dominação global. Neste caso, o direito que propõe o poder como lei, proibição, instituição, não o descreve.

PALAVRAS-CHAVE: Michel Foucault; Poder; Estruturalismo.

ABSTRACT

The present article is part of an ongoing research inspired by Michel Foucault's Structuralism analyzing the various aspects of the tessituras of power, starting from a micro vision and an ascending analysis of the power, being verified the false idea of an extension from the center (State). The "micro powers" work according to Foucault, outside the state (below, next to); are not situated at any fixed point; they are not possessed by anyone, but pass through all individuals; they are among "networks" (networks of which no one escapes). In this perspective, the ideal is to analyze power, capturing them in their more regional and local forms and institutions, and then to examine how these mechanisms of power have been invested, colonized, used, subjugated, transformed, displaced, deployed by mechanisms each global domination. In this case, the law that proposes power as law, prohibition, institution, does not describe it.

KEYBOARDS: Michel Foucault; Energy; Structuralism.

1. INTRODUZINDO OS PRESSUPOSTOS INTELLECTUAIS

Para Foucault, o poder é capaz de produzir discurso de verdade, numa sociedade como a nossa, dotados de efeitos tão potentes. Em qualquer sociedade, segundo ele, múltiplas relações de poder perpassam, caracterizam, constituem o corpo social; elas não podem dissociar-se, nem estabelecer-se, nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação, um funcionamento do discurso verdadeiro. Não há, segundo ele, exercício do poder sem certa economia dos discursos de verdade que funcionam nesse poder, a partir e através dele. O fundamento da análise é que saber e poder se implicam mutuamente: não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, como também, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder.

Sabe-se que podemos levantar duas questões importantes: os discursos são instrumentos que

veiculam e produzem poder E ainda mais, existe, de fato, uma ruptura entre o discurso de repressão e o discurso de análise crítica da repressão Sendo assim, investigamos o papel das instituições (família, Igreja, escolas, consultório médico) no controle do indivíduo e da população, os interesses das classes dominantes na elaboração dos discursos acerca do poder.

É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também a mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Por exemplo: o discurso instituiu à homossexualidade pecado, classificou-a como patologia, o que permitiu um avanço dos controles sociais nessa questão; contudo, houve a possibilidade de falar mais sobre ela, de modo a reivindicar espaço e discurso próprios, possibilitando a constituição de um discurso de “reação”. Dessa forma, onde há poder, há resistência, o que implica que não existe o discurso excluído e o discurso dominante, mas multiplicidade de discurso que se insere em estratégias diversas.

Michel Foucault, embora declare não ser Estruturalista, é colocado entre os maiores protagonistas da grande revolução cultural e filosófica denominada

Estruturalismo. Nasceu em Poitiers (França), estudou Filosofia e Psicologia na École Normale Supérieure de Paris. Na década de 60 esteve à frente do Departamento de Filosofia das Universidades de Clermont-Ferrant e Vicennes. Em 1960 foi eleito para o Collège de France, com o título de professor de História do Sistema de Pensamento, desfrutando de um enorme prestígio internacional até a data da sua morte. A partir de sua tese de doutoramento na Sorbonne, na qual analisa a maneira como era tratada a loucura do século XVII, firmou-se como Filósofo.

Entre a criação da Universidade de Vincennes e do Grupo de Informações sobre as Prisões o “tecnocrata” Estruturalista passaria a ser visto na primeira fila dos intelectuais nos quais se reconhecia o movimento antiautoritário. A coisa parecia então evidente: aquele que analisara o nascimento do poder médico e o encerramento dos loucos e dos marginais estava predisposto a simbolizar um movimento que atacava não apenas as relações de produção e as instituições visíveis do Estado, mas todas as formas de poder disseminadas no corpo social. As influências que, inicialmente, marcaram o pensamento do Filósofo francês Foucault, foram Freud, Marx e Nietzsche. Seu objetivo não era resumir o pensamento desses Filósofos, mas ressaltar alguns aspectos mais significativos de sua contribuição.

Na concepção de Foucault(1996), é impossível fazer história atualmente sem utilizar uma sequência infundável de conceitos ligados direta ou indiretamente ao pensamento de Marx. A propósito das relações entre poder e economia política, mantinha uma espécie de “diálogo ininterrupto” com Marx. Com efeito, Marx não ignorava a questão do poder e das disciplinas; assim também Foucault não ignorava, por sua vez, as coerções exercidas pelos processos econômicos sobre a organização dos espaços disciplinares. Mas, em Marx, as relações de dominação parecem estabelecer-se na fábrica, unicamente mediante o jogo e os efeitos das relações “antagônicas” entre o capital e o trabalho. Para Foucault, ao contrário, essa relação só teria sido possível pelas sujeições, pelos treinamentos, pelas vigilâncias produzidas e administradas previamente pelas disciplinas. Marx explora o controle através da repressão: deserotização e assepsia. Foucault não faz uma ruptura com ele, mas inverte-o e afirma que a luta continua, pois entende o mundo como relação, não apenas de classes; introduz uma metodologia calcada no prazer.

Porém, em se tratando da influência de Nietzsche no pensamento contemporâneo foucaultiano percebe-se, cada vez mais forte, a sua presença difundida em última análise em oposição à hegemonia de Marx. Para Foucault (1996), Nietzsche é aquele que oferece como algo essencial, digamos ao discurso filosófico, a relação de poder. Enquanto que para Marx era a relação de produção. Nietzsche é o filósofo do poder, mas que chegou a pensar o poder sem se fechar no interior de uma teoria política.

Em vigiar e Punir(1976), Foucault introduz a noção de genealogia, que retoma e desenvolve na Microfísica do Poder (1981) e na História da Sexualidade (1976). A proposta de Foucault, nessas obras, é realizar uma genealogia do poder, um exame das relações entre saber e poder, ciência e dominação, controle, na formação da sociedade contemporânea. Sua inspiração encontra-se na genealogia da moral de Nietzsche, em que este analisa a gênese ou origem dos valores morais em nossas tradições culturais de modo a desmistificá-los. A genealogia consiste assim em uma análise histórica da formação de determinados discursos que constituem um saber, ou saberes, relacionando-os com formas de exercícios do poder em um contexto social e cultural específico. Não se trata de poder institucional, de uma política do Estado, por exemplo, mas, sobretudo de como o poder se exerce de forma difusa através de certas práticas em uma cultura e em um momento histórico determinado.

Segundo as análises de Foucault acerca da sexualidade, antes de Freud, procurava-se localizar a sexualidade, da maneira mais estreita: no sexo, em suas funções de reprodução, em suas localizações anatômicas imediatas. A sexualidade era restringida a um mínimo biológico (órgão, instinto, finalidade). Foi Freud, segundo Foucault, que colocara a sexualidade em um dos pontos decisivos, marcados, desde o século XVIII, pelas estratégias de saber e de poder; e que, com isso, ele realçava com admirável eficácia, digna dos maiores espirituais e diretores da época clássica, a injunção secular de conhecer o sexo e colocá-los em discurso.

Por isso, sendo um dos mais significativos Estruturalistas, Foucault levou um posicionamento Estruturalista precisamente para o “campo” tradicional reservado à cultura humanista e por ela zelosamente guardado: a história, particularmente à história da cultura e das ideias. As suas primeiras obras são dedicadas à história da medicina, que ele procura reconstruir não em sentido cronológico, mas em sentido crítico, tentando estabelecer as condições primordiais, transcendentais, estruturais, das quais se desenvolveu a medicina. Tal pensador elaborou uma análise original dos discursos que regem as instâncias de saber e poder da sociedade; criticou a psiquiatria e a psicanálise tradicionais e deixou inacabada uma alentada história da sexualidade. Logo, podemos dividir a sua obra em três fases fundamentais:

- a. Quando foi Leitor na Universidade de Uppsala (Suécia) dedicou-se ao estudo sobre a loucura no mundo ocidental. Obra central: Loucura e Civilização (1960);
- b. Estudos sobre a rede conceptual de uma época. Obra fundamental: As palavras e as coisas (1966);
- c. Estudo sobre o poder, prisões e sexualidade. Obra fundamental: História da sexualidade (1976 -1984).

A principal questão discutida nessas obras diz respeito aos sistemas de normas fundamentais que regem a sociedade e, especialmente, os princípios de exclusão pelos quais se distinguem indivíduos “normas” e “anormais”, ou sanidade da demência. Na verdade, a preocupação do Filósofo Estruturalista Foucault é o tema do poder, uma constante, presente na maioria das suas obras.

Para compreender o que o pensamento foucaultiano nos revela, por sinal vasto e complexo, vamos, no entanto, nos deter um pouco sobre algumas questões pertinentes ao Estruturalismo, subsolo dentro do qual se move o pensamento de Foucault. O Estruturalismo representa um dos mais influentes movimentos dentro da Filosofia contemporânea e das ciências humanas. Teve seu início e desenvolvimento na França na década de 50 e encontra, até hoje, repercussão nos debates filosóficos, nas polêmicas epistemológicas e no confronto com o marxismo.

2. O ESTRUTURALISMO E SEU LUGAR NA FILOSOFIA

O Estruturalismo não é uma doutrina científica como a teoria da informação, nem uma doutrina filosófica como a fenomenologia ou existencialismo. Logo, podemos entendê-lo enquanto uma corrente filosófica em oposição ao existencialismo; também podemos entender este termo como método que, em qualquer campo, faça uso do conceito de estrutura em um dos seus sentidos esclarecidos como fundamentos de suas análises. Portanto, podemos dizer que o Estruturalismo é, essencialmente, além de uma reação contra o existencialismo, uma reação contra o historicismo e o humanismo em geral, reduzindo o homem a menor fruto das estruturas sociais. Conclui-se que, os Estruturalistas são aqueles que põem as estruturas como fundamento de toda conduta humana; ao contrário do existencialismo, que põe em evidência o valor do indivíduo, a sua independência, a sua liberdade, a sua autonomia em relação ao Estado, a sociedade, ao universal, ao geral, às leis e às estruturas. Trata-se de uma desumanização do homem calcada na tentativa de dar vigor científico às ciências sociais, com lastro nos avanços alcançados na psicologia e na linguística.

Essa reação foi ainda estimulada pelo fato de que o homem se vê mais lesado na sua liberdade e na sua autonomia e está deixando de ser sujeito para transformar-se em objeto. As estruturas, ou seja, o conjunto de leis que definem um âmbito de objetos, estabelecendo as relações entre eles, seu comportamento e desenvolvimento, substituem o homem como sujeito da história, afastando a crença na liberdade humana e destacando o papel do inconsciente no agir (onde residiram ecoados as estruturas sociais). Desse modo, com os condicionamentos sociais, não existe mais o “ser”, mas apenas a “relação” não existe mais o “sujeito”, mas apenas a “estrutura”.

Portanto, podemos dizer, de forma sintética, que o Estruturalismo consistiria no captar as regras (estruturas) que regem a vida social em suas variadas configurações. Além do mais comporiam o inconsciente do homem e continuariam a matriz de todas as outras estruturas. Isto quer dizer que o Estruturalismo volta à natureza e ao inconsciente. Sua tese é de que, em tudo há um esquema subjacente que não é necessariamente racional. Caberia às ciências humanas não construir, mas dissolver o homem, mostrando o que Ele não é (um idealismo sem sujeito). Dessa forma, é de suma importância analisar o termo estrutura, visto que, o Estruturalismo é uma corrente filosófica que considera a noção de estrutura fundamental como conceito teórico metodológico.

O conceito de estrutura não é novo na história da Filosofia. Em sentido lógico, o termo estrutura é o “número – relação”, conceito generalíssimo que equivale a plano, construção, constituição. Pode-se dizer que, duas relações têm a mesma estrutura quando o mesmo plano vale para ambas, ou seja, quando são análogas tanto quanto uma carta geográfica com a região que representa.

Na terminologia de Marx e dos marxistas, estrutura é a constituição econômica da sociedade em que se incluem as relações de produção e as relações de trabalho, ao passo que, superestrutura é a constituição jurídica, estatal, ideológica da própria sociedade. Em sentido restrito e específico o termo estrutura não é constituído simplesmente por um conjunto de elementos em relação, mas por uma ordem hierárquica que tem o objetivo de garantir o êxito de sua própria função. Este significado, que parece o mais sutil é, no entanto, o que mais corresponde ao uso desse termo na linguagem comum.

É vulgarmente usado na linguagem comum e nas ciências para indicar o conjunto formado por aquelas partes de um complexo que têm por fim garantir a permanência e o funcionamento do próprio complexo. Constituem a estrutura de um edifício as partes que lhe garantem a estabilidade e consentem a sua utilização para os fins a que se destina. Por estrutura de um organismo estende-se o conjunto dos órgãos que permitem a esse mesmo organismo o desempenho das suas funções e, por conseguinte, a sobrevivência e o desenvolvimento. Em qualquer organização a estrutura o plano de atividade ou dos órgãos que mantém em pé a própria organização, permitindo-lhe funcionar em atenção aos fins.

Em toda estrutura se distinguem três características básicas: sistema ou totalidade; leis de transformação que conservam ou enriquecem o sistema; e auto regulação, pois as transformações se efetuam sem que na estrutura intervenham elementos exteriores. Sendo assim, em Foucault, estrutura pode designar a regra ou regras que regem as modificações e as configurações dos elementos de um sistema, elementos tais, que uma modificação qualquer em um deles acarreta uma modificação de todos os outros.

O método Estruturalista de investigação científica foi estabelecido pelo linguista suíço Ferdinando de Saussure (1857-1913), que vê na linguagem a predominância do sistema sobre os elementos, visando extrair a estrutura do sistema através da análise das relações entre os elementos. O Estruturalismo, dada a influência da linguística, parece nos dizer que, assim como a língua se auto organiza e pode ser compreendida pela mesma, qualquer tipo de estrutura encontrável, cria relações múltiplas em seu interior, devido as suas regras próprias num corte sincrônico. Da linguística, o Estruturalismo acabou por se estender por outros domínios; não por razões puramente analógicas, isto é, o que deu certo para a linguística dará certo também em outros setores do saber, mas porque só há na medida em que há linguagem, oposição, símbolo, diferenciação, capacidade de topologizar. Os elementos não apenas parte de um todo, mas aproximadamente pela sua diferença e pela regra que o regem.

A estrutura das relações, por exemplo, funciona tal como os fonemas na linguagem. Sua articulação se dá pela menor diferença em relação aos demais. O todo não é mera adição ou resultado de relações mecânicas entre as partes. O elemento, pelo contrário, relaciona-se opositivamente no todo. Cada troca, cada relação dentro do regime de reciprocidade da estrutura é troca de um bem, de um valor; seu valor advém à alteridade, deste seu não ser outro.

A análise Estruturalista abrange setores tão diversos como a linguística, psicanálise, etnologia, matemática e Filosofia, ou seja, no intercâmbio linguístico das ciências naturais, das ciências matemáticas e das ciências histórico-sociais. Tendo em vista as bases do Estruturalismo, autores, muitas vezes diferentes entre si, podem ser arrolados como Estruturalistas, entre eles: Jakobson na linguística; Roland Barthes na semiologia; Lévi-Strauss na antropologia cultural; Piaget na psicologia genética; Althusser, Foucault e Deleuze na Filosofia.

No uso filosófico, o termo estrutura, voltando-se contra o existencialismo, o subjetivismo idealista, o humanismo personalista, o historicismo e o empirismo grosseiramente fatalista, deram origem a um movimento de pensamento, ou melhor, a uma atitude Estruturalista, apresentando soluções bem diferentes da proposta filosófica citadas para urgentes problemas filosóficos relativos ao sujeito humano, ou “eu” (com sua pretensa liberdade, a sua pretensa responsabilidade e o seu pretense poder de fazer a história) e ao desenvolvimento da história humana (e o seu pretense sentido).

O Estruturalismo, como foi mencionado anteriormente, teve como seu alvo mais imediato o existencialismo, cujo humanismo (com o papel primário que ele atribuiu ao eu “condenado a ser livre” e criador de história) é logo acusado de, entre outras coisas, não ser nada científico, antes, pelo contrário, de ser completamente refratário a toda uma série de resultados científicos que proclamam inequivocamente a falsidade de imagem do homem construído pelo humanismo existencialista, transmitida e defendida por todo espiritualismo e por qual idealismo.

Contra o idealismo, o Estruturalismo afirma a objetividade dos sistemas de relação (modo como as pessoas se relacionam) que, mesmo quando concebidos como modelo conceituais, ou seja, como construções científicas não se reduzem a um ato ou a uma função subjetiva, mas têm como função fundamental, explicar o maior número de fatos constatados. Contra o humanismo, o Estruturalismo afirma a prioridade do sistema em relação ao homem, das estruturas sociais em relação às escolhas individuais, da língua em relação ao falante individual e, em geral da organização econômica ou política em relação às atitudes individuais.

Dessa forma, o Estruturalismo fundamenta-se em uma nova consciência científica (linguística,

econômica, psicanalítica) a qual implica na consciência da redução da liberdade em um mundo sempre mais “administrado” e “organizado”; tornando-se a consciência dos condicionamentos que o homem descobre e, digamos dos obstáculos que talvez ele próprio tenha criado e cria no caminho da sua livre e criadora iniciativa.

Como Filosofia da linguagem, o Estruturalismo tem o mérito de mostrar que a linguagem não é aquele meio fluida, arbitrária, convencional, sempre a nossa mercê, mas que tem consistência estrutural própria e valores e significados até agora insuspeitados. É verdade em grande escala, a tese fundamental do Estruturalismo, segundo a qual, na linguagem, diferentemente da posição cartesiana, não é o eu penso, mas o fato de que sou pensado; não falo, mas sou falado; não que ajo, mas sou agido.

3. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS DO ESTRUTURALISMO

Reconhecer a estrutura significa identificar os elementos universais de uma cultura. A busca individual, da parte, das características próprias de uma sociedade cede lugar, no Estruturalismo, aos traços universais. Estes são captados no modelo, inconscientes, daí sua universalidade é também a garantia de superação e da antinomia subjetiva/objetiva. Assim, como o sujeito que fala o faz por regras universais e inconscientes, assim também no âmbito da cultura, as diversas estruturas invariantes (sistema de comunicação, relações parentesco, sistema simbólico, narrações, mitos) representam traços universais inconscientes.

A possibilidade de se fazer ciência, de formalizar, ou seja, de encontrar as estruturas universais, inscientes, e invariáveis caracteriza o método Estruturalista. A estrutura não é pura forma, porque resulta de uma investigação objetiva; cumpre, assim, uma finalidade analítica. Mas não para por aí, pois, ao permitir a compreensão da totalidade já que uma estrutura só adquire significação nas suas articulações com outras estruturas e nenhuma possui sentido isoladamente, fornece além de uma explicação analítica, uma visão crítica da realidade. A estrutura total resulta de um feixe de relações, que há, por exemplo, entre os laços familiares, mitos.

Desse modo, percebe-se que, nas análises de Foucault, as estruturas assumem um papel de suma importância, uma vez que, havendo uma alteração em umadelas, implicarão na modificação das regras, normas e dos valores de uma sociedade, inclusive no que diz respeito à sexualidade.

O Estruturalismo manifestou sua posição ao historicismo, que é substancialmente uma consideração longitudinal da realidade, vale dizer, uma interpretação da realidade em termos de devir. O sistema não é por certo, considerado estático ou imóvel pelo Estruturalismo, porque se admite o estudo diacrônico, além de sincrônico, do sistema, mas o estudo diacrônico está subordinado ao sincrônico, considerando as mudanças temporais como transformações nas relações constitutivas de um sistema ou como oscilações dessas transformações em torno do limite constituído do próprio sistema. O Estruturalismo não é anti-histórico, mas em Foucault, ele se fundamenta numa concepção de história dialética e não linear. Deste modo, a individualidade histórica dos eventos, baseada nos parâmetros cronológicos e geográficos destes, está fora de sua consideração.

Os chamados “quatro mosqueteiros” do Estruturalismo, isto é, Althusser, LéviStrauss, Foucault e Lacan, não conceberam o Estruturalismo como um princípio heurístico, como um cômodo para examinar pedaços de realidade ou aspectos das realidades, de modo a evidenciar estruturas latentes, ordenadoras e explicadoras de amplas zonas de fenômenos privados de ordem e, portanto, não

compreendidos. Os Estruturalistas, além de se erguerem contra todas as Filosofias historicistas, também se configuram como força de choque contra determinada concepção de homem, visto como pessoa ou, de qualquer forma, como sujeito livre, consciente, autodeterminado, responsável, criativo e que, com seu esforço a sua inteligência e a sua vontade, cria história.

Percebe-se que o trabalho de Foucault se define, portanto mais como uma história das ideias ou da cultura, como ele mesmo admite, do que como vinculado à Filosofia em seu sentido estrito ou tradicional, uma vez que, envolve um conhecimento profundo e histórico, uma análise documental, e uma pesquisa de campo, que normalmente não pertence à metodologia filosófica. Entretanto, esse tipo de análise se caracteriza exatamente por sua natureza interdisciplinar e por romper com fronteiras tradicionais das disciplinas e áreas do saber. “A questão da Filosofia é a questão deste presente que somos nós mesmos. É por isso que hoje a Filosofia é inteiramente política e inteiramente historiadora. Ela é a política imanente à história indispensável à política”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui se consubstanciar o fulcro da questão. Quando Foucault diz que, “onde não há resistência não há poder”, ele quer dizer que, sendo assim, tudo seria uma questão de obediência; a partir do momento em que o indivíduo está em uma situação de não fazer o que quer, ele deve utilizar as relações de poder. Resistir, segundo Foucault, não é somente um termo negativo (dizer não), mas um processo de criação, ou seja, de criar e recriar, transformar a situação, participar ativamente do processo. A resistência, para ele, é um elemento das relações estratégicas nas quais se constituem o poder. A resistência se apoia, na realidade, sobre a situação a qual combate. Um exemplo disso é o movimento homossexual, cuja definição médica de homossexualidade constituiu-se em um instrumento muito importante para combater a opressão da qual estes grupos são vítimas em pleno desencadeamento do século XXI.

A nossa ideia basilar foi mostrar, a partir do pensamento de Foucault, a engenharia do poder e o seu mecanismo de funcionamento, através de instituições como a Igreja, a escola, a família, o consultório médico, os grandes responsáveis pela proliferação dos discursos de alienação, pois percebemos no mesmo, que o “sangue” da burguesia desferir o seu próprio algoz.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de: Alfredo Bosi. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **História da Filosofia**. Tradução de: Conceição Jardim, Eduardo Lúcio Nogueira e Nuno Valadas. 4. ed. Editorial Presença, 1993. Volume XIV.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Introdução à Filosofia**. 3. ed. Curitiba: Editora UFPR, 1999. FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Trad. Salma Tannos Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Trad. Raquel Ramallete. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **Em defesa da sociedade**. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

_____. **História da sexualidade**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003. Vol. II.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.